

A educação de uma nova mulher: o sonho e o pesadelo de Ercília N. Cobra

Alice Mitika Koshiyama – ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo) - docente

Resumo: Este trabalho avalia o livro *Virgindade anti-higiênica* de Ercília Nogueira Cobra, publicado em 1924, em São Paulo, pela gráfica e editora do escritor Monteiro Lobato. Na perspectiva feminista de hoje, percebemos a contribuição da autora para uma vida mais saudável para as mulheres, pautada pela igualdade de direitos em relação aos homens, incluídos os direitos sexuais e reprodutivos. A autora da obra não pode trabalhar como professora, e passou uma vida de dificuldades, segundo sua biógrafa Maria Lúcia Mott, que informa sobre um fim de vida misterioso para a escritora. Nossa análise se apoia nos conceitos de longa duração (Fernand Braudel), lugar social (Michel de Certeau), feminismo (Carmen da Silva), história e valores (Agnes Heller).

Palavras-chave: Comunicação, feminismo, saúde da mulher, direitos sexuais e reprodutivos, Ercília Nogueira Cobra.

1. Educação para os direitos

Mas a mulher é um ente humano! Tem direitos naturais, soffre não póde continuar a servir de tapete para os pés dos homens."
Ercília N. Cobra (*Virgindade...*, 1924, p.51), [cf.: transcrição de R. Q. Cobra]

Ao ler a obra de Ercília Nogueira Cobra, *Virgindade Anti-Higiênica. Preconceitos e convenções hipócritas*. Ed. da Autora, 1924, na transcrição feita para internet por Rubem Queiroz Cobra, percebemos a relação entre educação, trabalho, autonomia, sexualidade e saúde, direitos de cidadania da mulher.

Partimos de uma perspectiva interdisciplinar para problematizar a questão de gênero: o conceito do que é ser uma mulher saudável muda ao longo do tempo. Há várias pesquisas sobre

a construção da saúde e um deles apresenta uma perspectiva sobre sexualidade e vida cotidiana e relata a participação da ordem médica, religiosa e educacional na construção social da saúde ao estabelecer patologias e doenças de uma época (cf.: Peter Gay. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*).

Gay refere-se ao contraste entre os discursos sobre a sexualidade – as interdições, as condenações, os pecados, as enfermidades – e os registros sobre as práticas realizadas, as fantasias alimentadas sobre sexo na vida cotidiana. Ou seja, o comportamento sexual pregado podia ser um mito, mas pessoas adoeciam ao tentar seguir diretivas dominantes sobre como deviam viver a sua vida sexual.

A história da sexualidade reprimida derruba a idéia da saúde mental como um valor em si, desligado da sociedade que o prescreve. Por isso, cabe observar a emergência de discursos sobre questões de gênero, divergentes da ordem dominante em diferentes épocas da história.

Examinamos no livro de Ercília Nogueira Cobra proposições dela para a vida cotidiana da mulher na sociedade brasileira dos anos vinte. E avaliamos se suas propostas para a vida das mulheres, formam parte de um processo de “longa duração” (cf.: Fernand Braudel. *História e ciências sociais: a longa duração*) na história dos direitos de cidadania e dos direitos sexuais e reprodutivos.

Constatamos que a luta pelos direitos da cidadania, conforme Norberto Bobbio (*A Era dos Direitos*) é um processo que data do iluminismo, porém voltado para os homens. Porque o “lugar social” (cf.: Michel de Certeau. *A escrita da história*) das mulheres não contemplava a possibilidade de ter direitos de cidadania.

Nesse processo, comparamos a obra de E. Cobra ao feminismo na perspectiva de Cármen da Silva, em seus textos na revista *Cláudia*, da Editora Abril, (1963-1985). Nesta perspectiva de gênero, lemos o projeto de Ercília Nogueira Cobra para as mulheres de sua época.

Tivemos acesso a obra de Ercília Nogueira Cobra e informações sobre sua vida e obra pelos trabalhos de Rubem Queiroz Cobra e Maria Lúcia Mott, citados neste trabalho.

2. Projeto de igualdade para a mulher

2.1- Na leitura de *Virgindade Anti-Higiênica*, observamos o impacto da linguagem contundente na observação da vida cotidiana das mulheres, relacionando saúde, sexualidade e ausência de direitos de cidadania. Rubem Queiroz Cobra (cf.: *Ercília: culta e destemida modernista brasileira.*) destaca a familiaridade da autora com o modernismo e seu conhecimento sobre psiquiatria:

o significado do título, de uso raro com o sentido psiquiátrico com que ela o empregou. Em sua época, “higiene” aplicava-se a uma condição psicológica sã, e não simplesmente ao asseio do corpo. Higiene Mental é a ciência de manter a saúde psíquica e prevenir o desenvolvimento de psicoses, neurose e outras desordens mentais. Inclui todas as medidas tomadas para promover e preservar a saúde individual e coletiva.

2.2 – *Virgindade Anti-higiênica* teve pelo menos quatro edições entre 1924 e aproximadamente 1932. A primeira delas foi feita por Monteiro Lobato, editor que além de faro comercial, de excelente sistema de distribuição, privilegiava autores novos. No registro bibliográfico da *Revista do Brasil*, de 1924, também editada por Lobato, encontra-se uma crítica ao livro:

Raras vezes se depara com a obra tão curiosa como esta. A sra. E.N.C. é uma estreante e, como tal, apresenta falhas que só o tempo há de banir. O que não há de se negar é que seu trabalho se caracteriza por muita pessoalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua, com uma coragem que não se encontra nem mesmo nos arraiais do outro sexo".(p.244) (Cf.: M.L.Mott)

2.3 -- M. L. Mott propõe uma questão e a responde:

Teria sido alcunha de pornográfica atribuída a Ercília? Pois ao lado da leitura feminista, literária, eugênica, dos livros de Ercília, a forma, o conteúdo e a apresentação gráfica fizeram com que fossem lidos, como pornográficos. A edição de 1932, por exemplo, tem todas as características de um livro pornográfico: o ensaio e a novela foram reunidos em um só volume, que se passou a chamar *Virgindade Inútil e Anti-higiênica*. O ensaio foi deslocado para segundo plano, sendo a ficção quem abre esta edição. No livro não aparece a casa publicadora, o que é comum neste tipo de publicação, pois as editoras temendo represálias ou "se queimarem", inventam nomes falsos ou simplesmente não colocam seus nomes nos exemplares. Na capa, uma mulher de cabelos curtos, à la garçonne e unhas pintadas aparecem abrindo um xale que deixa a mostra o corpo nu. Perfis de figuras femininas nuas, em várias posições, servem de moldura a esta gravura.

2.4 – Ercília comenta o ineditismo do seu tema entre autores brasileiros e justifica a citação de suas fontes européias, sua leitura de autores em língua francesa, como Anatole France, e de obras da literatura realista e naturalista para fundamentar seus argumentos. Nas primeiras linhas da sua obra, sinaliza seu isolamento no cenário cultural brasileiro.

2.5 – Ercília Cobra mostra os erros da educação das mulheres na vida brasileira:

Não têm officio, eis a grande questão. (...) Ora, como o criterio seguido para a educação da mulher é o das poucas letras e nenhuma profissão, estas coitadas, encontrando-se da noite para o dia sem amparo, caem nos braços do primeiro libertino que encontram ou da primeira cafetina que se apresenta.

IV

A educação que se vem dando á mulher desde a Idade Media deve-se attribuir o estado precarjo da sua saúde e a conseqüente degenerescência da raça humana, sobretudo no Brasil. (...) Ninguém se lembra de cuidar da arvore que dá o fructo humano. Educa-se a musculatura masculina, fundam-se centenas de clubs

esportivos para os homens, mas, Si a mulher sae a campo para tomar parte em qualquer jogo, lá vêm os moralistas de chinó, sensualistas (...) que não podem ver uma perna de mulher sem ficarem excitados (...). Cuida-se de tudo quanto diz respeito à elevação moral do homem e ao seu preparo para a luta pela existencia; á mulher, quando se lhe escolhe um collegio, é um convento. Ó curta mentalidade dos pais! Mandar para um collegio de reclusas creanças que deverão mais tarde viver no torvellinho humano! Enviar para a casa mystica, onde se sonha, creanças que deverão viver em plena vida, onde se luta e soffre! Confiar a irmãs religiosas completamente desinteressadas do mundo, creanças que deverão palmilhar os asperos caminhos da terra!' (pp. 29-31)

2.6 -- Prega o fim da dupla moral em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, a exigência da mulher sexualmente casta e a total permissividade para o comportamento sexual do homem. E que permitia a um homem ser honrado trabalhador, respeitável pai de família, manter amantes e freqüentar bordéis. Enquanto mulheres eram valoradas pelo uso que faziam do órgão sexual: como virgens, esposas, amantes, prostitutas. Defendia a liberdade sexual, o controle da natalidade e a maternidade por opção e não por obrigação da mulher ser mãe. .

2.7 – Aos homens é dado todo o poder para decidir. O fato das mulheres não se formarem para exercer uma profissão no mercado e serem legalmente impedidas de gerir seu patrimônio (a cargo de pais, maridos ou irmãos) deixava-as à mercê dos homens. E gerava comportamentos hipócritas socialmente e doentios do ponto de vista da higiene mental.

A autora questiona as alegações de inferioridade das mulheres, pois se são tratadas desigualmente no acesso à educação, ao trabalho e aos direitos, como teriam condições para desenvolver plenamente suas potencialidades?

2.8 – Ercília Nogueira Cobra pôde viver sua obra? Ela teve seu livro apreendido pela polícia. Apesar da pressão das autoridades lutou para reeditar seus textos, mas uma das edições, pelas ilustrações, podia ser confundida com a literatura pornográfica da época. Os indícios sobre como viveu mostram que ela foi morar no Espírito Santo, viajou para Europa, retornou ao Brasil e foi morar no sul do país, onde não era conhecida pela sua obra, sob o pseudônimo de Suzi e residia no Hotel Royal de Porto Alegre. Não há registro de que tenha tido filhos até perto dos quarenta anos e ignora-se como e quando morreu. (Cf.: M. L. Mott)

3. Isolada na sua época

A pesquisa registrou o comprometimento da autora Ercília Nogueira Cobra com os valores da igualdade de gênero, com a proposta de uma nova educação para as mulheres de todas as classes sociais, preparando-as para o trabalho e a vida em sociedade livre de tutelas masculinas.

Mas ela não se agrupou com as mulheres que lutavam, na mesma época, pelos direitos civis e políticos, como o de votar. Não formou grupos, não teve organizações e nem meios de comunicação, na sua época, que ampliassem a divulgação de suas idéias. Exceto o editor e escritor Monteiro Lobato, um simpatizante da causa feminista, que publicou a 1ª. edição de *Virgindade Anti-Higiênica* e fez propaganda do livro.

Ao propor o fim da dupla moral em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, tocava em uma questão só desenvolvida e equacionada pelos movimentos feministas das últimas décadas do século vinte, mas não solucionada ainda (há religiões e estados que continuam discriminando a mulher em todos os direitos de cidadania).

A repressão que sofreu das autoridades religiosas católicas, que interditarão seus textos, e policiais que apreenderam seu livro, não arrefeceram sua radical oposição ao mundo que a cerceava.

Ercília Nogueira Cobra discordava do conceito de higiene mental da psiquiatria dominante que diagnosticava o desajuste psíquico, a histeria em mulheres. Ela demonstrou que o desajuste estava no sistema social e ao denunciar o sistema, adotou um discurso radical feminista.

Sua obra e sua vida apontavam para o futuro muito distante de práticas de liberdade, pois as mulheres naquela época estavam destinadas a lugares marcados: o lar, o prostíbulo, o convento (cf. Margareth Rago. *Os prazeres da noite.*).

Nos anos sessenta do século vinte, várias das propostas de Nogueira Cobra sobre direitos sexuais e reprodutivos integravam a pauta dos movimentos feministas, comprovando-se a sua pertinência para a história das mulheres. Elas se agrupavam em movimentos sociais e conseguiam legitimidade como área de pesquisas e de estudos acadêmicos (cf.: depoimento de Michelle Perrot a Laura Greenhalg, sobre o primeiro curso que organizou na Sorbonne sobre história das mulheres).

Em relação ao feminismo de Cármen da Silva, notamos diferenças. Na proposta de Ercília Nogueira Cobra, temos o padrão único de comportamento proposto às mulheres, o de se igualar aos homens nas oportunidades de educação, trabalho e exercício da sexualidade. Para Ercília, mulheres deveriam estudar e se formar para ocupar um posto no mercado de trabalho e serem independentes da tutela masculina em todos os momentos de sua vida.

Entendemos que no tempo de Ercília Nogueira Cobra, a mulher vivia sob o peso esmagador do anti-higienismo das leis e dos costumes, o que impedia o seu pleno desenvolvimento: intelectual, físico e emocional. E que Ercília lutou contra a religião

dominante, as leis, a medicina, a polícia e a maioria de mulheres e homens insensíveis à sua pregação inovadora.

O feminismo de Cármen da Silva propunha mudar os papéis de homens e mulheres na sociedade: modificar leis, dividir tarefas, compartilhar papéis de cuidar dos filhos e da casa e trabalhar em uma profissão. Eram idéias de possível execução nos anos sessenta do século XX, as mulheres podiam investir na autonomia. Elas podiam, em tese, decidir o que fazer, embora continuasse a haver, como ainda hoje, oposições de homens que negam às mulheres a igualdade nos direitos, usando os mais diversos procedimentos que chegam até ao assassinato.

Defendemos a tese de que o feminismo não é uma categoria única, e que há diferenças pautadas pelas perspectivas individuais das militantes e das épocas em que viveram. Segundo leitura que fizemos (cf.: Koshiyama. *Communication, identité et citoyennete féminine...*), Cármen propunha uma mulher protagonista de sua história, e, ao longo dos anos de revista *Cláudia* procurou mostrar como isso podia ser feito.

4. Por uma longa duração do feminismo

A distância no tempo mostra a permanência de uma situação em vários lugares do mundo: o não reconhecimento pleno da autonomia da mulher sobre a sua saúde física e mental, a negação dos seus direitos de cidadania – civis, políticos, econômicos, sociais e humanos, inclusive os sexuais e reprodutivos.

Ercília Cobra debateu explicitamente as questões da sexualidade e da reprodução, que eram silenciadas ou camufladas nos anos vinte do século passado, como direitos e como temas da saúde da mulher. Do seu texto, extraímos uma conclusão: virgindade, gravidez, aborto, maternidade são processos vividos pelos corpos das mulheres, mas são as pessoas na cultura que atribuem valores, constroem os ritos e elaboram os mitos sobre esses momentos. Por este trabalho, comprovamos que a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos é um tema de “longa duração” (cf.: F. Braudel) na história das mulheres, mas a sua efetiva conquista é um processo desigual e nunca permanente, pois é sujeito a retrocessos.

Pensamos que na história, os direitos de cidadania da mulher vinculam-se aos valores que a cultura propõe sobre as suas possibilidades de viver a sua condição como ser humano. Conforme nos lembra Agnes Heller, na obra *O cotidiano e a história*, é na vida cotidiana que nossos valores se expressam, são modificados ou destruídos.

E ainda hoje, o acesso da mulher aos direitos de cidadania é uma questão de gênero e uma questão de poder e também é um problema da cultura com múltiplas influências. E a efetiva e permanente prática dos direitos de cidadania necessita da ação de movimentos sociais,

da implantação de leis, da execução de políticas públicas e de um inovador trabalho de uso de todos os processos de informação e de comunicação do mundo contemporâneo. Então teremos a concretização do sonho de Ercília para todas as mulheres do mundo, pois até agora a maioria vive o pesadelo.

5. Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Apres. Celso Lafer. Nova ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva, 1978, pp. 41-77.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2a. ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

COBRA, Ercília Nogueira. Virgindade Anti-higiênica - Preconceitos e convenções hipócritas. Ed. da Autora, São Paulo, 1924, 127 p. (referido por L. C. Melo e minha cópia), transcrição de R.Q.Cobra, in: http://www.geocities.com/cobra_pages/virgindade.html

COBRA, Rubem Queiroz. “Ercília: culta e destemida modernista brasileira”. In: http://www.geocities.com/cobra_pages/ecp-ercilia.html

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Trad. Perl Salter, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, 7a. ed., Rio, Paz e Terra, 2004.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Communication, identité et citoyenneté féminine dans la culture globale: actualité du passé: in ACTES DU IV ème Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETÉ, Grenoble, 1998, pp.269-276.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. “História de uma romancista corajosa”, in: <http://cucamott.sites.uol.com.br/romancista.htm>

PERROT, Michelle. “Caçadora de memórias femininas”, entrevista a Laura Greenhalg. Caderno ALIAS, *O Estado de S. Paulo*, 04 de março de 2007.
Ou in: <http://www.estado.com.br/suplementos/ali/2007/03/04/ali-1.93.19.20070304.10.1.xml>

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930*. Rio, Paz e Terra, 1991.

SILVA, Cármen da. *O Melhor de Carmen da Silva*. Seleção de Júlia Tavares, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.